



Migrantes compartilham barraco na Asa Norte, um dos locais mais procurados: esperança de vida melhor se frustra diante do alto custo de vida

Cresce número de moradores de rua no Distrito Federal

Rafania Almeida

Sem casa, emprego fixo e dinheiro, moradores de rua invadem áreas do Plano Piloto na tentativa de conseguir ajuda. Embaixo de viadutos ou com barracas armadas em canteiros e áreas verdes, eles montam moradia com cobertores e até fogões. No fim do ano passado, a extinta Secretaria de Ação Social registrou 817 moradores de rua no Distrito Federal. Eles se concentram principalmente na Rodoviária do Plano Piloto, Setor Comercial Sul, áreas próximas à Universidade de Brasília, Ponte do Bragueto e invasões atrás dos Ministérios.

Na Asa Norte, duas novas áreas passaram a ser ocupadas pelos moradores de rua: o canteiro central do Eixo Rodoviário e uma área verde entre a 206 e a 207 Norte. A segunda está com pelo menos sete barracas montadas.

Em uma delas está Raimundo Costa, 46 anos. Ele mora com a irmã, a mulher e dois filhos. Nem as fortes chuvas que caíram nos últimos dias os retiraram do lugar.

— A gente ficava embaixo da Ponte do Bragueto e eu ia de vez em quando para um viaduto perto do Park Shopping. Não temos moradia fixa. Vim pra cá porque eu viço carros na comercial durante o dia. No dia em que tiver de sair daqui, eu saio — disse Raimundo.

A família veio de Pernambuco na esperança de uma vida melhor, mas o custo de vida na capital federal já mudou suas perspectivas.

— Lá em Pernambuco imaginamos Brasília não só como a capital do poder, mas da esperança. Tem gente que vem e não volta. Hoje eu descobri que essas pessoas não voltam porque gastam tudo que têm quando chegam — lamentou.

Próxima a um posto de gasolina no canteiro do Eixão, na altura da 211 Norte, uma barraca ganhou reforço para suportar as chuvas. Já está há um mês instalada no local e abriga três moradores de rua. Wgleison Miranda, 40 anos, chegou há apenas uma

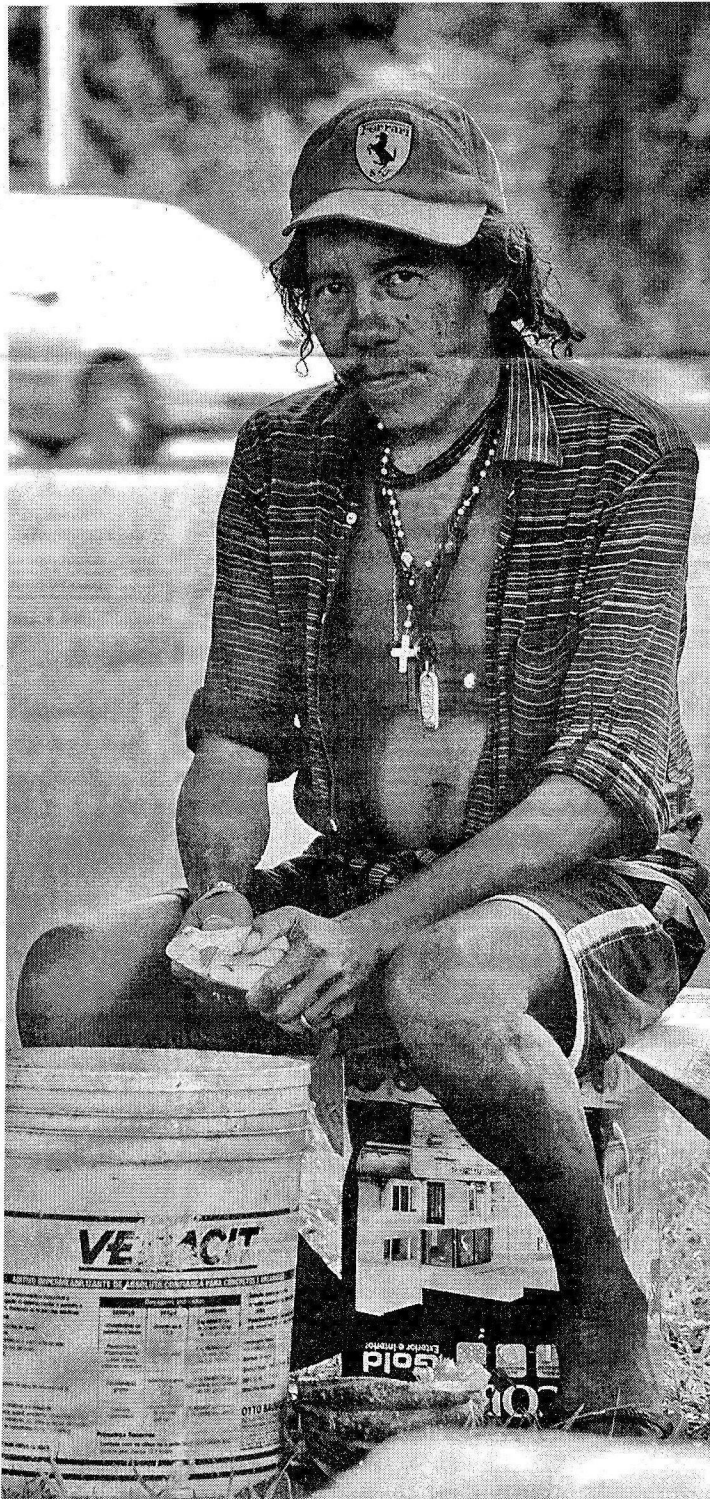
“Hoje eu descobri porque as pessoas que vêm para cá não voltam: é porque gastam tudo que têm quando chegam

Raimundo Costa, morador de rua

semana. Ele cata latinhas nos bares e restaurantes da Asa Norte.

— Tenho três filhos que a mãe largou no mundo. Durante a semana, eles ficam com minha irmã em Planaltina. Fico aqui porque é perto do trabalho. Queria ganhar passagem para eu e meus filhos voltarmos para Ilhéus (BA). Lá eu tenho terra e posso plantar para viver — contou Wgleison.

Com ele vive também o paraibano Damião Dias, 39 anos. Eles sempre se reúnem para o almoço, feito em um fogão improvisado. A carne cozida com abóbora é obtida em supermercados e verdurões, entre o que seria jogado no lixo.



Raimundo: nem as chuvas fortes expulsam ocupantes